

# Passagens na cultura de moda moderna: da distinção à confusão

Maria Lucia Bueno<sup>1</sup>

## Passages in modern fashion culture: from distinction to confusion

**N**o contexto das sociedades ocidentais do século XIX, com a emergência do modo de vida urbano e a extinção dos privilégios aristocráticos, o desenvolvimento de uma cultura das aparências (ROCHE, 2007) estendeu-se para todos os segmentos sociais, no interior de um universo onde o sistema da moda passou a desempenhar um papel fundamental. Para Elisabeth Wilson podemos encarar “o vestuário de moda no mundo ocidental como um meio através do qual um eu sempre fragmentário é unificado e aparenta uma certa identidade. A identidade passa a ser um tipo de problema da *modernidade*. A moda faz transparecer uma tensão entre a multidão e o indivíduo, em todas as fases de desenvolvimento da metrópole dos séculos XIX e XX.” (WILSON, 1989, p. 24)

Nesse novo cenário as roupas, juntamente com todo um repertório de objetos e comportamentos, adquirem um caráter predominantemente cultural na construção de uma nova categoria social: o estilo de vida. Para Anthony Giddens “um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade.” (GIDDENS, 2002, p. 79)

No século XIX e início do XX a moda por meio da indumentária, tomando as mulheres como casos exemplares, operava como mecanismo de distinção social (VEBLEN, 1965; BOURDIEU, 2007) assinalando uma diferença radical entre dois universos: o das mulheres de elite, que tinham a sua condição ociosa como status social, e o das mulheres que trabalhavam. Essa distinção se constitui nos espaços urbanos em escala mundial: dos circuitos cosmopolitas em Paris e Nova York à “boa sociedade” do Rio de Janeiro no século XIX (RAINHO, 2001).

1

Maria Lucia Bueno é professora da Universidade Federal de Juiz de Fora onde atua nos Programas de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens e Ciências Sociais. É autora, entre outros, de *Artes Plásticas no século XX. Modernidade e Globalização e Sociologia das Artes Visuais no Brasil*. E-mail: marialucia.bueno@gmail.com

Apresentação  
Passagens na cultura de moda moderna: da distinção à confusão  
Maria Lucia Bueno

Em meados do século XX registramos uma transformação nessa dinâmica. Primeiramente a evolução da industrialização da indumentária e da indústria cultural, em particular, emerge cada vez mais como um poderoso veículo de mundialização das tendências, tanto com relação aos estilos de vida, quanto no que diz respeito à moda, produzindo uma desterritorialização de modos de vestir até então confinados em circuitos restritos. Um exemplo é o da consagração internacional da sofisticadíssima e artesanal alta-costura francesa na década de 1950, através das estrelas de Hollywood que se converteram nas principais clientes desse comércio restrito. A partir de então, moças de classe média no mundo inteiro passaram a vestir-se de acordo com as últimas novidades da moda parisiense (DURAND, 1988; CRANE, 2006).

Uma segunda transformação está associada à expansão da esfera do trabalho, antes circunscrita às classes populares, para outros domínios da vida social, inclusive para o espaço privado, onde a forma de inserção no mercado de trabalho tornou-se uma referência importante na construção das identidades. Após os anos 1960, assistimos uma segmentação na cultura da indumentária, que assume desde então uma nova conotação, como forma de expressão e de afirmação de estilos e modos de ser, geralmente, associados a alguma atividade profissional.

Nos anos 1960, com a explosão de uma cultura de juventude, que colocava em cheque as instituições e os valores estabelecidos, e a proliferação de grupos musicais, ligados a esse novo segmento, difundidos por uma indústria cultural em expansão, produz uma revolução na cultura das aparências. As mulheres ricas e ociosas vão se convertendo num anacronismo, num novo mundo da moda onde as principais referências passaram a ser os estilos descolados das bandas, integradas geralmente por jovens das classes médias e operárias nas grandes cidades.

A partir dos anos 1970 e 1980, temos uma expansão do capitalismo e da sociedade de consumo, e o desenvolvimento de um mercado de trabalho sofisticado e bem remunerado associado a este universo, que se converte na esfera de atuação de uma nova geração de jovens, os *yuppies*. Publicitários, operadores da bolsa de valores, especialistas em novas tecnologias, designers, agentes artísticos e culturais, profissionais do cinema e da televisão, entre outros, vão alimentar uma nova revolução da

Apresentação  
Passagens na cultura de moda moderna: da distinção à confusão  
Maria Lucia Bueno

moda, que começa com o conforto e a praticidade do estilo casual dos norte-americanos, consagrado nos filmes de Woody Allen. Desde então, até mesmo as elites econômicas vão procurar se inserir e se distinguir socialmente em função de alguma atividade profissional, ainda que, em alguns casos, seja apenas de caráter decorativo.

Nos anos 80, com o processo de globalização o quadro se complexificou. Na consolidação dessa nova configuração social no mundo da moda, a arte, enquanto instância de legitimação simbólica, e as indústrias culturais, espaços de difusão e circulação de novos estilos de vida, inclusive os ligados ao lazer, desempenham um papel fundamental. A alta moda, através da cultura das marcas, atuando muitas vezes em parceria com a arte contemporânea, expandiu seu espaço geográfico, se desterritorializando para diferentes regiões do mundo. Mas a moda francesa permanece nesse universo como a mais forte instância de legitimação, reduto das principais marcas de luxo. Este poder simbólico transformou Paris em espaço de disputa internacional dos estilistas que lutam pela consagração de suas marcas. O triunfo dos japoneses (Hanae Mori, Issey Miyake, Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo) e dos ingleses (John Galliano e Alexander MacQueen) à frente de casas tradicionais, como Dior, Givenchy, ou conduzindo os seus próprios estabelecimentos, trouxeram uma diversidade cultural e um perfil cosmopolita para a alta moda contemporânea (KAWAMURA, 2004; BREWARD, 2003).

Outro aspecto, já mencionado, a radicalização da desterritorialização ligado à globalização vindo sendo responsável pela instabilidade e a desorganização de fronteiras que vigora entre diferentes domínios da vida social. Para Octávio Ianni esse é um processo que promove uma situação de desenraizamento generalizada. "Uns e outros deixam de estar vinculados a somente, ou principalmente, uma cultura, história, tradição, língua, religião, utopia. O desenraizamento que acompanha a formação e o funcionamento da sociedade global põe uns e outros, situados em diferentes lugares e distintas condições socioculturais, diante de novas, desconhecidas e surpreendentes formas e formulas, possibilidades e perspectivas. Compreendido em suas diversas conotações, o processo de desterritorialização, liberta horizontes sociais, mentais, imaginários, abrindo novos e distintos ângulos à ciência, à filosofia e à arte." (IANNI, 1992, p.101)

Apresentação  
Passagens na cultura de moda moderna: da distinção à confusão  
Maria Lucia Bueno

A globalização só existe enraizada nas práticas cotidianas. Os homens encontram-se ligados pelo destino, pelas experiências sociais e por um repertório simbólico comum (ORTIZ, 1994, p. 30). Renato Ortiz observa que trata-se de “um processo social que atravessa de forma diferenciada as realidades nacionais e locais. Seu vetor se define por sua transversalidade. Trata-se de uma tendência. (...) como uma tendência é sempre algo genérico e é preciso aprendê-la indiretamente, torna-se necessário buscar expressões modais que a explicitem. Minha hipótese inicial é pois: cultura popular, consumo, turismo, moda, música popular etc. são objetos heurísticos que revelam um arranjo social transcendente às exigências e expectativas de uma cultura nacional. Pensá-los em um contexto particular é considerá-los como parte de uma matriz mais ampla, mundial.”(ORTIZ, 2000, p. 12)

Refletir sobre a moda a partir desta matriz, é considerá-la como um objeto privilegiado para compreendermos a organização da cultura e da sociedade na dinâmica globalizada, na qual o sistema da moda atua como um importante motor, no âmbito social, econômico e cultural. A moda de massas, que passou a ser uma forma de estética popular, pode muitas vezes ajudar os indivíduos a expressar e a definir a sua individualidade. A estética modernista da moda também pode ser utilizada para expressar a solidariedade de grupo e, especialmente em anos recentes, a solidariedade anti-cultural. Os dissidentes sociais e políticos criaram formas especiais de vestir para exprimirem a sua revolta durante o período industrial. Hoje em dia, os rebeldes sociais transformaram a utilização da moda numa afirmação vanguardista.” (WILSON, 1989, p. 25)

A roupa e a moda nesse contexto deixam de operar como mecanismos de distinção social, para funcionar ora como formas de inserção no mundo do trabalho, ora como formas de expressão da identidade ou de diferenciação social – que o sociólogo francês Pierre Bourdieu designaria como mecanismos distintivos – no cotidiano privado. A nossa hipótese é que nessa nova atmosfera a roupa e a moda emergem cada vez mais na desorganização das fronteiras entre os diferentes segmentos sociais, como agentes de confusão.

A preocupação com a aparência, portanto, está ligada à cisão, própria da modernidade, entre o ser e o parecer. A moda, envolvendo não

Apresentação  
Passagens na cultura de moda moderna: da distinção à confusão  
Maria Lucia Bueno

só o vestuário, mas tudo o que diz respeito à construção da aparência, principalmente os estilos de vida, cresce em importância na mesma medida em que a preocupação com a construção da identidade torna-se tarefa crucial dos indivíduos. Diferentemente de outros momentos históricos, as sociedades modernas impõem aos indivíduos a necessidade de definirem suas identidades, não mais pré-determinadas pela tradição e pelo costume. Numa sociedade pautada pela mudança, as pessoas são levadas a uma redefinição contínua de suas identidades, que se tornam cada vez mais plurais, como os espaços sociais por onde transitam. Georg Simmel observou que as flutuações da moda são uma decorrência direta do ritmo acelerado, da efemeridade e das transformações constantes da vida moderna (SIMMEL, 1989). Nesse processo temos uma transformação do papel da moda que evolui de dispositivo de demarcação social para elemento de confusão entre as fronteiras sociais estabelecidas.

Reconstituir a história da formação do campo da moda no Brasil nos parece um caminho promissor no sentido de lançar luz à compreensão da problemática aqui enunciada. Os textos reunidos na primeira parte deste livro, partindo de diferentes perspectivas, de recortes e períodos distintos, discutem essa passagem na cultura de moda do século XX, na qual a alta costura francesa e o estilo de vida dos ricos ociosos perdem a centralidade enquanto referências de elegância e comportamento (CRANE, 2006). O próprio conceito de elegância, na nova fase de ampliação e segmentação da sociedade de consumo que se abre a partir dos anos 1960, deixa de ser um valor na cultura de moda, que evolui cada vez mais centrada na construção de identidades. Nesse movimento a moda deixa de ser um espaço de institucionalização e regulamentação de padrões e comportamentos, para se converter numa esfera de elaboração e difusão de novas identidades.

Em *As Manequins Americanas de Jean Patou: Os Primeiros Desfiles de Moda e o Modernismo*, a historiadora inglesa, Caroline Evans faz alusão a estratégia de marketing inventada pelo costureiro francês para promover internacionalmente a sua produção, que associava suas criações a uma nova identidade corporal, identificada com o ritmo da modernização da sociedade norte-americana e a silhueta dinâmica de suas mulheres.

Tendo por base a indumentária masculina, Maria Cristina Volpi aborda os estilos de vestir da boêmia literária na Belle Époque carioca, vistos como resíduos de uma era em que ainda vigorava uma cultura pautada pela superioridade dos padrões e valores europeus. Em " Da cópia fiel à originalidade na estamparia têxtil brasileira" Luz Garcia Neira examina o debate ideológico que permeou a construção de uma cultura de design nacional na indústria de tecidos no país entre 1930 e 1970. Patricia Reinheimer reflete sobre a ampliação dos limites da arte nos anos 1960 e 1970, tendo como referência a trajetória de Olly, uma artista contemporânea carioca, de origem alemã, que desenvolveu parte da sua obra na interface entre a arte contemporânea e a moda.

Tomando como principal objeto as fotografias produzidas pelo Correio da Manhã na década de 1960, Maria do Carmo Rainho procura analisar como as imagens da moda carioca revelam as alterações no campo da indumentária nesse período, se rompem com os cânones estabelecidos na representação de homens e mulheres e, em especial, se tais rupturas se articulam com as mudanças mais amplas da sociedade. A partir das crônicas de Ibrahim Sued e suas listas das dez mulheres mais elegantes, publicadas anualmente nas páginas de O Globo, Elisabeth Murilho da Silva discorre sobre a vida mundana do Rio de Janeiro, quando ainda era pautada por árbitros de elegância.

## Referências

BOURDIEU. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

BREWARD, Christopher. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CRANE, Diana. *A Moda e seu Papel Social. Classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora do Senac, 2006.

DURAND, José Carlos. *Moda, Luxo e Economia*. São Paulo: Editora Babel Cultural, 1988.

- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992
- KAWAMURA, Yuniya. *The Japanese revolution in Paris fashion*. Londres: Berg, 2004
- ORTIZ, Renato. *O próximo e o distante. Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- RAINHO, Maria do Carmo. *A cidade e a moda*. Brasília: Editora da UnB, 2002.
- ROCHE, Daniel. *A Cultura das aparências. Uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Editora do Senac, 2007.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.
- WILSON, Elizabeth. *Enfeitada de sonhos. Moda e modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VEBLEN, Thostein. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965.